

Portugal recebe 11 milhões em bolsas europeias de investigação

Na edição deste ano das subvenções de arranque do Conselho Europeu de Investigação, 436 cientistas ganharam uma bolsa. Em Portugal, foram distinguidos seis investigadores de cinco instituições

Financiamento
Teresa Sofia Serafim

Seis cientistas em Portugal vão receber uma bolsa de início de carreira do Conselho Europeu de Investigação (ERC), anunciou ontem este organismo europeu. Juntas, estas subvenções de arranque valem cerca de 11 milhões de euros e foram atribuídas a investigadores da Universidade de Aveiro, da Universidade de Coimbra, do Centro Champalimaud (em Lisboa), do Instituto Gulbenkian de Ciência (em Oeiras) e da Universidade de Évora. Também um cientista português na Suíça ganhou uma destas bolsas.

Ao todo, 677 milhões de euros foram distribuídos por 436 cientistas na Europa. Atribuídas pelo programa de financiamento Horizonte 2020, estas bolsas destinam-se a cientistas em início de carreira, possibilitando-lhes formar grupos de investigação e desenvolver trabalhos em diferentes áreas. Seis destas competitivas bolsas foram para investigadores de cinco instituições em Portugal.

As lesmas-do-mar e o “roubo” de cloroplastos

Sónia Cruz, da Universidade de Aveiro, tem 2,25 milhões de euros para estudar o processo de cleptoplastia em lesmas-do-mar da ordem *Sacoglossa*. Neste processo, um organismo “rouba” os cloroplastos (organelos de células vegetais onde se desenrola a fotossíntese) a outro organismo, como as algas. “Estas lesmas perfuram as algas de que se alimentam, sugam e digerem o conteúdo celular da alga, à excepção do cloroplasto, que incorporam nas suas células”, lê-se num resumo do projecto. Esses cloroplastos continuam funcionais mesmo na ausência de componentes essenciais da célula vegetal. Contudo, este processo está longe de ser compreendido.

Sónia Cruz refere que o projecto permitirá entender os mecanismos moleculares que possibilitam a retenção e a manutenção de um organelo de uma célula vegetal dentro de células animais. Possibilitará ainda perceber de que modo os cloroplastos e a



Em toda a Europa, foram distribuídos 677 milhões de euros por 436 investigadores

fotossíntese se tornaram cruciais no metabolismo destes animais.

Escolher onde se morre

Bárbara Gomes, da Universidade de Coimbra, tem 1,8 milhões de euros para fazer um estudo sobre as experiências dos cidadãos em relação ao local onde preferem morrer e onde realmente morrem. “Vamos refinar as classificações actuais, que são incompletas e inconsistentes entre os países, como a classificação do local de morte que é utilizada nas certidões de óbito”, conta a cientista.

Vão fazer-se estudos qualitativos e quantitativos em Portugal, nos Países Baixos, no Uganda e nos EUA. O objectivo é trabalhar de perto com representantes de doentes e das famílias, assim como seguir pessoas com doenças potencialmente fatais.

Desta forma, poderá vir a criar-se uma base científica sólida com uma classificação internacional em que se mapeiem os locais onde as pessoas preferem ser objecto de cuidados e

onde o são mesmo. “Assim, conseguiremos recolher a diversidade de trajetórias individuais de fim de vida e possibilitar escolhas”, considera a cientista.

Energia através da comunicação de algas

Paulo Rocha, também da Universidade de Coimbra, tem 2,2 milhões de euros para um projecto com o objectivo de gerar energia limpa através da comunicação entre algas. “[Este projecto] alinha-se no desenvolvimento de uma nova fonte de energia limpa, de baixo custo, com vista a minimizar significativamente os custos da electricidade, o uso de combustíveis fósseis e emissões de dióxido de carbono”, esclarece o investigador num comunicado da sua instituição.

A escolha alimentar em humanos

Albino Oliveira-Maia, do Centro Champalimaud, recebe 1,5 milhões

de euros para continuar a explorar a comunicação entre os sistemas digestivo e nervoso. Mais concretamente, com base nas suas descobertas em ratinhos, estudará a escolha alimentar em humanos. O objectivo é entender como e por que razão escolhemos certos alimentos, podendo assim contribuir para a luta contra a obesidade. O investigador diz que terá agora oportunidade de fazer análises ao comportamento e à actividade cerebral de humanos com a mais moderna tecnologia. “Isto permitirá expandir o nosso programa de investigação sobre o controlo visceral de recompensa alimentar e responder a perguntas que não podem ser abordadas na investigação em modelos animais”, esclarece.

Células em viagem pelos tecidos

Elias Barriga, do Instituto Gulbenkian de Ciência, tem para o seu projecto 1,8 milhões de euros. O cientista chileno quer perceber melhor a forma

como as células migram nos ambientes complexos dos nossos corpos. Afinal, nestes ambientes, as células têm de sentir e responder a vários sinais bioquímicos e biofísicos. Contudo, o efeito recíproco entre os sinais está pouco caracterizado, assinala-se no comunicado. “O nosso grupo espera conseguir trazer perspectivas únicas para as mais diversas disciplinas, especialmente para o desenvolvimento embrionário e o estudo de malformações congénitas, assim como para o estudo do cancro e da regeneração”, prevê o investigador.

Envolver as comunidades na arquitectura

Ricardo Agarez, da Universidade de Évora, terá 1,5 milhões para um projecto que reunirá informação detalhada, bem como uma reflexão crítica, sobre a arquitectura de “proximidade” de comunidades da Península Ibérica. Irão estudar-se edifícios de uso público, como a casa de cantoneiros, ou conjuntos de habitação colectiva. O projecto terá como referência o período 1939-1985. O objectivo é contribuir para medidas de gestão desses edifícios, assim como ter mais conhecimento científico sobre a arquitectura e o espaço urbano. “ Pretende criar-se ferramentas para ‘dar poder’ às comunidades de participarem na gestão informada do parque edificado que lhes fica próximo”, diz.

A transformação da indústria extractiva

Fora de Portugal, Filipe Calvão, do Instituto Superior de Estudos Internacionais e de Desenvolvimento (na Suíça), também terá 1,5 milhões de euros para analisar o papel dos humanos e da restante natureza nas economias de mineração. Afinal, a indústria extractiva está a passar por grandes transformações introduzidas pelos laboratórios sintéticos, as minas automatizadas e os processos de mineração digital. Espera-se que este projecto contribua para a formulação de políticas ambientais, de emprego e sociodigitais.

teresa.serafim@publico.pt